

Revista de Literatura,  
História e Memória



Dossiê: Feminismos e literaturas

ISSN 1983-1498

VOL. 17 - Nº 30 - 2021

UNIOESTE / CASCAVEL - p. 24-36

## A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA EM *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JR.

Black woman's resistance in *Torto arado*, by Itamar Vieira Jr.

Joelma de Araújo Silva Resende<sup>1</sup>  
Margareth Torres de Alencar Costa<sup>2</sup>  
Maria Helena de Oliveira<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo discute a opressão sofrida por mulheres negras no romance *Torto Arado*, de Itamar Vieira Jr. Sabe-se que a mulher tem sofrido, ao longo dos anos, violências decorrentes do contexto patriarcal em que vive. No caso da mulher negra, a violência vai além do sexismo: ela sofre discriminação por conta de sua cor e porque quase sempre é pobre. Verifica-se, portanto, a

interseccionalidade de gênero, raça e classe. Não encontrando espaço nas conquistas do Feminismo branco e ocidental, a mulher negra parte para uma luta que enegreça esse feminismo e abarca questões específicas relacionadas às violências que sofre. Para a pesquisa, utilizou-se, como aporte teórico, Zinani (2006) e Touraine (2007) para tratar as relações patriarcais; sobre a subalternidade recorreu-se a Spivak (2012), e sobre a situação específica da mulher negra, a discussão é feita a partir de Kilomba (2019), Carneiro (2003), e hooks (2019). Nota-se que as mulheres negras de *Torto Arado* sofrem inúmeras violências, e que cada uma procura, a seu modo, utilizar as armas que possui para construir suas resistências.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Torto arado*; Feminismo Negro; Resistência.

**ABSTRACT:** This article discusses the oppression suffered by black women in the novel *Torto Arado*, by Itamar Vieira Jr. It is known that over the years women have suffered violence resulting from the patriarchal context in which they live. In the case of black women, violence goes beyond sexism: she suffers discrimination because of her color and because she is often poor. Therefore, there is, the intersectionality of gender, race, and class. Finding no space in the achievements of white and Western Feminism, black women start a fight that blackens this feminism and encompasses specific issues related to the violence they suffer. For the research, Zinani (2006) and Touraine (2007) were used as theoretical support to deal with patriarchal relations; on subalternity Spivak (2012) was used, and on the specific situation of black women, the discussion is based on Kilomba (2019), Carneiro (2003), and hooks (2019). It is noted that black women in *Torto Arado* suffer countless violence, and that in their own way, each one seeks, to use the weapons they have to build their resistance.

**KEYWORDS:** *Torto Arado*; Black Feminism; Resistance.

## INTRODUÇÃO

O livro *Torto arado*, de autoria do geógrafo Itamar Vieira Jr<sup>4</sup>, retrata o sertão baiano e várias opressões cometidas contra o povo negro que se instala na Fazenda Serra Negra. Um

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras (UFPI). Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal do Piauí (IFPI).

<sup>2</sup> Doutora em Letras (UFPE). Professora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

<sup>3</sup> Doutoranda em Letras (UFPI). Professora de Língua Portuguesa (SEDUC-PI).

povo que trabalha, não recebe salário, não pode construir casa de alvenaria, porque as terras não são suas e se veem obrigados a construir taperas que se destroem com o tempo; têm dificuldades até mesmo para se alimentar, pois tudo é muito escasso e uma boa parte do que conseguem produzir é levado pelos donos das terras.

O destaque do livro é dado para as personagens Bibiana e Belonísia, irmãs que, em um momento de travessura, mexem nas coisas da avó Donana, encontram uma faca e a colocam na boca. Belonísia termina por ter um ferimento grave e perde a fala; Bibiana fica sendo porta voz da irmã até crescerem e cada uma seguir caminhos diferentes na vida.

Este artigo retrata, principalmente, o contexto de invisibilidade em que as mulheres negras retratadas no romance viviam, contexto de uma tripla discriminação: gênero, raça e classe. As mulheres retratadas no texto de Itamar Vieira não tinham voz, viviam para trabalhar e eram oprimidas pelos homens com quem conviviam. Portanto, este artigo tem o objetivo de investigar, além de todo esse contexto de discriminação, as resistências que essas mulheres vão construindo em seus cotidianos. Trata-se de uma pesquisa que utilizou como aporte teórico Touraine (2007) e Zinani (2006) com uma abordagem sobre o patriarcado, Spivak (2012) tratando sobre a subalternidade, e, sobre a situação específica da mulher negra, a discussão é feita a partir de Kilomba (2019), Carneiro (2003) e hooks (2019).

O que se percebe é que as personagens femininas do texto analisado procuram resistir às opressões sofridas. Donana passou toda sua vida enfrentando tragédias, mas sempre procurava superá-las; Bibiana consegue realizar o sonho de estudar e se tornar professora e ainda lutar pela terra, para que os negros pudessem efetivamente ser donos do local onde já viviam há tantos anos. E Belonísia, depois de um casamento mal sucedido, resolve que não quer mais se casar com ninguém, não precisa de homem nenhum ao seu lado. Assim, resolve viver sem marido e sem filhos, o que era raro naquele ambiente em que as meninas casavam e engravidavam muito cedo.

## O CONTEXTO PATRIARCAL E RACISTA

O homem, historicamente, sempre ocupou o papel central nas mais diversas instâncias, e à mulher era destinado o espaço doméstico. O patriarcado traz consigo desigualdades que

---

<sup>4</sup> Itamar Rangel Vieira Junior nasceu em Salvador (BA), em 1979. Possui Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA (Universidade Federal da Bahia). Possui graduação (Licenciatura e Bacharelado - 2005) e Mestrado em Geografia (2007). É Analista em Reforma e Desenvolvimento Agrário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O romance *Torto arado*, publicado pela Todavia, em 2019, venceu o Prêmio Leya, e recebeu os prêmios Oceanos e Jabuti.

vão sendo perpetuadas ao longo dos anos, invisibilizando a mulher e aumentando cada vez mais a violência de gênero, a misoginia e o sexismo. A partir do movimento feminista, a mulher tem procurado ocupar o papel de sujeito na sociedade, lutando por seus direitos, não aceitando mais ser objeto e tentando construir sua identidade.

A construção de si pelas mulheres é fundada naquilo que resiste à sua identidade social, isto é, sobre uma natureza que não se reduz a uma cultura ou a uma organização social. É assim que as mulheres vão se erguendo até chegar à afirmação da singularidade e à liberdade de escolher sua própria vida, definida por oposição a toda definição imposta de fora (TOURAINÉ, 2007, p. 47). Nesse sentido, deve-se combater o discurso essencialista sobre a natureza das mulheres que simplesmente opõe o comportamento das mulheres ao dos homens. As mulheres têm objetivos positivos e não somente de luta contra o domínio masculino. Percebe-se que essa posição de superioridade masculina tem sido enfraquecida ao longo dos anos, pois houve uma mudança de posição das mulheres na sociedade. Isso quer dizer que as mulheres pretendem passar de consumidoras para produtoras de uma organização social. Buscam seu desenvolvimento pessoal e lutam por uma transformação de sua vida privada, de sua relação com o corpo e construção da própria sexualidade.

O inimigo principal das mulheres não é o homem dominador, mas a ideia de que a vida social e política devam ser separadas da vida privada, esta última sendo excluída da diversidade de culturas. Muitas mulheres, ao contrário, pensam que é necessário partir da vida privada para transformar este espaço público (TOURAINÉ, 2007, p. 89). As mulheres, ao descobrirem um novo mundo, sentem que podem criar uma nova maneira de viver, com o objetivo de suprimir as discriminações sofridas pelas suas antepassadas. Assim, o movimento feminista foi além, questionando o fundamento da dominação, geradora das categorias de dominantes e dominados. As mulheres buscam criar um modelo de cultura que deve ser vivido por todos, em que a oposição referente aos sexos seja eliminada. Essa nova cultura não pretende colocar o homem em uma posição inferior e sim eliminar a ideia de superioridade e inferioridade.

Tentando fugir da ideia de mulher dominada, em *Torto arado* encontramos, na Fazenda fictícia Água Negra, personagens femininas que não aceitam imposições sociais e não são passivas diante dos acontecimentos da vida. Donana, a avó de Bibiana e Belonísia, marcada pela perda de dois maridos, chegou a assassinar o terceiro companheiro por este ter violentado sexualmente sua filha Carmelita. O crime foi cometido com a faca que havia roubado na Fazenda Caxangá, a mesma que Bibiana e Belonísia encontraram quando crianças e que causou a mudez da segunda. A faca causou desgraça, mas também era uma espécie de

amuleto para Donana e, posteriormente, para as netas.

A melhor coisa que Tobias lhe fez foi devolver, de maneira involuntária, o punhal de sua avó. Talvez aquele tenha sido o único propósito de seu erro. Você descobriu, mesmo passados muitos anos, que guardava igual fascinação pelo brilho da lâmina. Quando pôde tê-la nas mãos outra vez, se viu em seu reflexo, com o mesmo brilho nos olhos, a menina e a velha, a inocente e a culpada (VIEIRA JR, 2020, p. 119).

A faca torna-se, assim, um objeto que representa a força daquelas mulheres. Para Donana, foi usado como arma contra um criminoso; para Belonísia, foi uma arma também, que apesar de ter provocado a perda de sua fala, contribuiu para que ela se tornasse uma mulher forte, não é à toa o fascínio que ela sente ao ver a faca.

No romance, representa-se a vida das mulheres do campo, que não era nada fácil e, devido à jornada árdua, essas mulheres carregavam consigo semblantes cansados e envelhecidos, consequência da rotina que levavam: “Todas nós, mulheres do campo, éramos um tanto maltratadas pelo sol e pela seca. Pelo trabalho árduo, pelas necessidades que passávamos, pelas crianças que paríamos muito cedo, umas atrás das outras, que murchavam nossos peitos e alargavam nossas ancas” (VIEIRA JR, 2020, p. 246). Além do trabalho duro na roça, a vida doméstica e as várias gestações, as mulheres ainda tinham que suportar, muitas vezes, um marido violento, como era o caso de Maria Cabocla, agredida constantemente pelo marido Aparecido que, por sua vez, culpava a bebida por seu comportamento agressivo.

Aparecido chorou, pedindo perdão, dizendo que ele não era de fazer isso, que a bebida era uma desgraça em sua vida. Maria Cabocla aproveitou a fragilidade que ele transparecia para afastá-lo de vez. Mostrava as marcas do corpo, as que pareciam estar curadas, as que não curaram e as daquele instante (VIEIRA JR, 2020, p. 150).

O caso de Maria Cabocla não é isolado. Sabe-se que a violência contra a mulher ocorre devido ao sistema patriarcal, em que a mulher é desrespeitada nas mais diversas instâncias e tratada como objeto do homem. De acordo com Cecil Jeanine Albert Zinani (2006), a dominação patriarcal se legitima, tanto pela força da tradição que demarca o conteúdo dos ordenamentos como pelo livre arbítrio de seu senhor. A dominação patriarcal é constituída por associações de caráter comunitário, regidas pelo ‘senhor’, o qual é obedecido pelos ‘súditos’. O poder do patriarca alicerça-se na ideia arraigada nos dominados de que essa dominação é um direito próprio e tradicional do dominador e que se exerce no interesse deles próprios (ZINANI, 2006, p. 59-60). Ser fiel ao ‘senhor’ é um princípio básico, que se legitima

pela tradição; não é possível criar novas normas, já que estas existem desde sempre e devem ser seguidas. Se algo não se enquadra ao que está estabelecido, o senhor age de acordo com suas preferências para resolver a questão. Para Zinani (2006, p. 65), a problemática de gênero, em grande parte, situa-se na própria mulher, “condicionada por uma cultura androcêntrica, que sempre definiu e priorizou os papéis sociais a partir do homem”. A mulher deve abandonar práticas que reproduzem a cultura tradicional e superar “estigmas genéricos cristalizados” (ZINANI, 2006, p. 66), reconhecendo sua capacidade e competência, e negando a ideia de sujeito subalterno.

Segundo Gayatri Spivak (2012), o sujeito subalterno é aquele que pertence “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2012, p. 13-14). Essa situação é vivida principalmente pelo sujeito feminino. A mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica, ainda mais na obscuridade, em decorrência dos problemas referentes às questões de gênero. Segundo a autora, “a mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (SPIVAK, 2012, p. 17-18).

O contexto de repressão e violência vivenciado pelas personagens femininas de *Torto arado* é apresentado por Grada Kilomba (2019). Abordando o silenciamento imposto aos negros, a autora relata que, enquanto estudante, sofreu inúmeras vezes com o racismo praticado pelos não negros, inclusive ao quererem negar a sua escrita, com a alegação de que o que ela escrevia não tinha valor científico. Esse comportamento da branquitude é uma forma de dizer que o espaço acadêmico não é para o negro, que ele é um intruso ali.

Tais comentários funcionam como uma máscara que silencia nossas vozes assim que falamos. Eles permitem que o sujeito branco posicione nossos discursos de volta nas margens, como conhecimento desviante, enquanto seus discursos se conservam no centro, como a norma. Quando elas/eles falam é científico, quando nós falamos é acientífico (KILOMBA, 2019, p. 51-52).

Kilomba (2019) expõe, através de vários relatos, a discriminação sofrida pelo negro nas mais diversas situações. Ela destaca que a mulher negra sofre mais com a violência de gênero que a não negra. Também aborda que as pessoas não negras tendem a associar ao negro tudo que é ruim e negativo, como sujeira, agressividade e violência. Embora isso às vezes aconteça de forma velada, os atos racistas estão presentes e enraizados no comportamento e na fala dos não negros.

Kilomba (2019) acrescenta que as negras precisam ser ouvidas, não questionadas. Ao

sofrer racismo, não se deve questionar o que ela fez para sofrer aquilo e sim combater o ato racista. Devemos nos questionar sobre como lutar contra o preconceito, contra a discriminação e como agir em defesa das mulheres negras e não culpabilizá-las.

A teórica bell hooks (2019), ao partilhar suas ideias sobre a situação das mulheres negras dos Estados Unidos, também traz essa mesma reflexão de que o feminismo não incluía todas as mulheres; era um feminismo branco e burguês que não focava em interesses coletivos: “Muitas mulheres brancas encontraram individualmente no movimento das mulheres uma solução libertadora para os seus dilemas pessoais” (HOOKS, 2019, p. 8). As reivindicações das mulheres brancas contra o sexismo não incluíam outras mulheres, como as negras, que sofriam discriminações não somente sexistas; a opressão contra a mulher negra continuava ocorrendo sem que ninguém denunciasse e gritasse pelo fim dessa discriminação.

Sempre que participava em grupos feministas, apercebia-me de que as mulheres brancas assumiam uma atitude condescendente para comigo e para com outras participantes não brancas. A condescendência que dirigiam às mulheres negras era uma das maneiras que tinham de nos recordar que o movimento das mulheres era “delas”- que nós podíamos participar porque elas assim o permitiam, e até encorajavam; afinal, nós éramos necessárias para legitimar o processo. Não nos viam como semelhantes. Não nos tratavam como semelhantes. E, embora quisessem que nós disponibilizássemos relatos em primeira mão das experiências dos negros, consideravam seu o papel de decidir se estas experiências eram autênticas (HOOKS, 2019, p. 9-10).

Como se percebe, a discriminação sofrida pelas mulheres negras parte até mesmo daquelas que deveriam ser companheiras de luta, o que faz com que a opressão sofrida por elas torne-se maior, pois o local onde deveriam ter espaço para lutar também por seus direitos torna-se mais um espaço de discriminação e exclusão. Assim, a mulher negra percebe que não tem espaço dentro desse movimento feminista e decide construir sua própria luta, iniciando o enegrecimento do feminismo, uma luta que irá unir a interseccionalidade entre gênero, raça e classe.

#### A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA: PERSONAGENS FEMININAS EM *TORTO ARADO*

O patriarcalismo e a submissão feminina são percebidos em inúmeras situações do romance. As meninas, logo cedo, deviam casar e viver submissas aos seus maridos. “Muitas caíam sob o peso da insistência, não resistiam às abordagens, e com as bênçãos dos pais se uniam com seus corpos ainda em formação. Sucumbiam ao domínio do homem, dos

capatazes, dos fazendeiros das cercanias” (VIEIRA JR, 2020, p. 54). Deviam satisfazer o marido sexualmente, procriar, cuidar dos afazeres domésticos e, muitas vezes, trabalhar na roça também. As irmãs gêmeas Crispina e Crispiniana, por exemplo, tinham relações com o mesmo homem, e todos fingiam não saber da bigamia de Isidoro. O importante era ter um homem em suas vidas, para que pudessem procriar, mesmo que fosse dividindo com a irmã o mesmo marido.

Falavam de Crispiniana, que estava com barriga crescida. Que havia levado uma surra de compadre Saturnino. Constatavam como era difícil para um pai, viúvo, criar filhos sozinhos. E filhas dão mais trabalho. Vêm com barriga para dentro de casa. E depois? Quem cria as crianças? (VIEIRA JR, 2020, p. 54-55).

A ideia predominante é que filhas dão mais trabalho porque engravidam. E os homens quando engravidam as mulheres, não têm responsabilidades de pai? A responsabilidade não é a mesma? Infelizmente, ainda é muito comum o abandono paterno, como se fosse obrigação apenas da mãe criar os filhos, independente da situação. Questões como o aborto e abandono parental ainda são tabus em um país predominantemente machista e misógino.

O pai de Bibiana e Belonísia, filho de Donana, Zeca Chapéu Grande, recebia uma entidade e em algumas comemorações religiosas precisava vestir trajes femininos. Para ele, era vergonhoso ter que aparecer em público com essas vestes. Nota-se, em sociedades patriarcais, a rejeição à figura feminina, como se fosse algo que causasse humilhação, o que mostra que ser homem era algo superior a ser mulher, um ser rebaixado.

Zeca Chapéu Grande se envergonhava de ter que deixar as calças que honravam sua posição de liderança na fazenda, como pai espiritual, e vestir saias, emprestando seu corpo a uma mulher. Fazia porque era a sua obrigação, compromisso que havia assumido quando se curou da loucura... (VIEIRA JR, 2020, p. 63).

Belonísia, que cortou a língua com a faca de Donana e por isso ficara muda, é uma figura que se destaca, em relação ao contexto patriarcal, por sempre preferir atividades consideradas masculinas e decidir seguir sua vida sozinha, sem marido e sem filhos. Gostava de acompanhar o pai no trabalho da roça e procurava mostrar suas ideias: “Com sua disposição, Belonísia se aproximava mais de meu pai, passava a lhe fazer companhia, junto com meu irmão, e participava das decisões, embora Zeca sempre lembrasse que ela era mulher, e lhe negasse determinadas tarefas” (VIEIRA JR, 2020, p. 75). Como a vida da menina/mulher era restrita aos afazeres domésticos, não tinha planos de estudar, afinal, nem

havia incentivo para isso.

Bibiana engravidou do primo Severo e seguiu seu destino, pois, segundo ela “Se estivesse mesmo grávida teria que deixar a casa e ir morar com Severo” (VIEIRA JR, 2020, p. 76), como se fosse uma obrigação ter que morar com ele só porque estava grávida. Ela não queria sair de perto dos pais, nem deixar o lugar onde nasceu, porém, Severo a convenceu de que poderiam conquistar sua própria terra saindo dali de onde estavam, onde eram humilhados e não conseguiam sequer se alimentar com dignidade. Fugiu com Severo e retornou anos depois, com quatro filhos, e com o sonho de ser professora realizado, contrariando o que de maneira geral era imposto à menina/mulher inserida naquele contexto: “a menina não precisava aprender nada de estudo” (VIEIRA JR, 2020, p. 96).

Bibiana passou a lutar, ao lado do marido, por melhores condições de vida para sua família e para a comunidade em que viviam. Eles eram excluídos de tudo: sem direito à moradia, salários e alimentação; na verdade, iam sobrevivendo àquela dura vida de só trabalhar sem direito a nada:

Pra viver na cidade precisa de dinheiro pra tudo. Uma cebola, dinheiro. Um tempero, dinheiro. Bibiana esteve mais ativa ao lado do marido. Em meio à mobilização, eu ficava de bom grado com as crianças para que ela pudesse escrever, trabalhar, andar com Severo procurando ajuda na garupa da motocicleta que ele havia adquirido. Iam a sindicatos, a reuniões. Voltavam, faziam mais reuniões, escondidos ora na casa de um, ora na casa de outro (VIEIRA JR, 2020, p. 198).

Bibiana passou a buscar melhores condições de vida para a comunidade juntamente com Severo; iniciaram a luta tentando criar uma associação de trabalhadores, fazendo reuniões e mobilizando todos que estavam a sua volta. Mas isso custou a vida de Severo, que foi assassinado e sua morte ficou impune. Afinal de contas, sua vida, assim como a dos demais pretos, não valia nada. Ele era um escravo, não poderia manifestar sua voz, nem gritar por direitos.

Belonísia possui um perfil diferente da irmã. A escola nunca foi um sonho, preferia o trabalho braçal, e após a irmã fugir grávida com Severo, foi despertado nela um interesse em também possuir um marido. Não alimentava sonhos, apenas queria que a vida seguisse seu curso natural, assim como todas as moças de sua idade, assim como irmã Bibiana. Queria um marido, um lar, filhos; chegou a desejar que Tobias que, segundo ela, tinha idade para ser seu pai, a fizesse sua mulher. Por ver a vida das outras moças seguir assim, queria isso para si também:

Quanto mais criança via nascer, mais sentia como se meu corpo vibrasse, em movimento, pedindo para parir, como a terra úmida parece pedir para ser semeada, a natureza faz ela mesma seu cultivo, dando a capoeira, o maracujá-da-caatinga e folhas de toda sorte para curar os males do corpo e do espírito (VIEIRA JR, 2020, p. 105).

Era desejo pela maternidade ou simplesmente queria fazer o que as outras faziam? Não se deve esquecer que Belonísia era ainda uma adolescente e, como o próprio trecho assegura, ela sentia essa “necessidade” de ser mãe porque via outras moças parindo. O contexto era esse, ela era influenciada pelo meio em que vivia, em que antes mesmo de se desenvolverem completamente como mulheres, as adolescentes já iniciavam a vida sexual e se tornavam mães.

Ao aceitar morar com Tobias, percebeu que tomou a decisão errada. Quando entrou na tapera onde seria sua nova casa, se assustou diante de tanta bagunça e sujeira. Belonísia, em pensamento, naquele momento reproduziu o discurso machista que aprendeu em casa e na escola: “Nada que uma mulher não possa dar jeito, assim haviam me ensinado, tanto em casa como nas aulas da professora, na casa de dona Firmina” (VIEIRA JR, 2020, p. 111). Percebe-se que há um conformismo de Belonísia nessa situação, de que, por ser mulher, ela tinha que aguentar aquela situação, por mais que estivesse com vontade de voltar para casa dos pais e estar enojada naquele ambiente. Como mulher de Tobias, ela não podia mais voltar atrás, tinha que cumprir seu papel de esposa e dona de casa, pois os afazeres domésticos naquela casa a partir de então eram obrigação sua.

A vida como esposa de Tobias não foi nada agradável; como a de qualquer outra mulher inserida naquele contexto, se resumia ao trabalho doméstico; cuidar da tapera com muito zelo, preparar as refeições e viver para satisfazer o marido, que nem sequer agradecia: “Não agradeceu, era um homem, por que deveria agradecer, foi o que se passou em minha cabeça, mas conseguia ver em seus olhos a satisfação de quem tinha feito um excelente negócio ao trazer uma mulher para sua tapera” (VIEIRA JR, 2020, p. 113).

Em sua primeira relação sexual, algo que temia, chegou à conclusão de que estava apenas cumprindo mais uma obrigação como esposa, afinal era para aquilo que Tobias a havia levado para sua casa, para que ela o servisse: “Eu parava o que estivesse fazendo para servi-lo” (VIEIRA JR, 2020, p. 115); não só cuidando da casa e fazendo sua comida, como também satisfazendo-o sexualmente. Sobre a primeira noite, Belonísia conclui:

Depois que ele me deitou na cama, beijou meu pescoço e levantou minha roupa, não senti nada que justificasse meu temor. Era como cozinhar ou

varrer o chão, ou seja, mais um trabalho. Só que esse eu ainda não tinha feito, desconhecia, mas agora sabia que, como mulher que vivia junto a um homem, tinha que fazer (VIEIRA JR, 2020, p. 114).

Com o passar dos dias, Belonísia vai se dando conta que era apenas um objeto nas mãos de Tobias, ele não a chamava sequer pelo nome: “Me sentia uma coisa comprada, que diabo esse homem tem que me chamar de mulher, minha cabeça agitada gritava” (VIEIRA JR, 2020, p. 116). Desejou voltar para a casa dos pais, pois percebeu que ali seria apenas uma coisa para satisfazer Tobias; este, começou a chegar em casa embriagado e a querer agredi-la. Reclamava da comida e certa vez jogou um prato em sua direção. Mas Belonísia não estava disposta a aguentar agressões. “Dali a pouco esse cavalo iria me bater igual ao marido da Maria Cabocla. Mas eu já me sentia diferente, não tinha medo de homem, era neta de Donana e filha de Salu, que fizeram homens dobrar a língua para se dirigirem a elas” (VIEIRA JR, 2020, p. 121).

Sobre a violência praticada contra a mulher negra, as relações de dominação têm ocorrido com ainda mais força nos últimos anos. Segundo o Instituto Patrícia Galvão, em 2016 houve o assassinato de 4.645 mulheres no Brasil, representando 4,5 homicídios para cada 100 mil brasileiras. Destes números, 5,3 são mulheres negras e 3,1 são mulheres não negras (considerando 100 mil brasileiras). O Instituto revela ainda que em 10 anos, a taxa de mortes de mulheres negras subiu (+15,4%), enquanto a taxa de mortes de não negras caiu (-8%), demonstrando a dura e sangrenta realidade das mulheres negras e a força do racismo estrutural.

De acordo com Sueli Carneiro (2003), o movimento das mulheres no Brasil tem crescido e conquistado espaço ao longo dos anos, destacando-se no processo de democratização do Estado e produzindo inovações nas Políticas Públicas; em relação à violência doméstica contra a mulher, houve mudanças em relação às questões de público e privado, fazendo com que Delegacias Especializadas e abrigos fossem criados para atender as vítimas dessa violência.

Direitos sexuais e reprodutivos também foram conquistados, fruto da luta das mulheres pela autonomia de seus corpos. Além disso, foram conquistados direitos no cenário político, nas questões salariais e, de forma geral, na luta pela democratização do país. Porém, essas conquistas não alcançaram todas as mulheres e, por muito tempo, o movimento feminista ignorou que havia outras formas de violência contra a mulher e não somente a de gênero; vozes que continuavam silenciadas e oprimidas por outras questões, além do sexismo.

Carneiro (2003) utiliza a expressão “enegrecendo o feminismo” para se referir à

trajetória das mulheres negras dentro do movimento, buscando chamar a atenção para o fato de que feminismo até então era branco e ocidental. O enegrecimento do feminismo pode dar visibilidade à perspectiva feminista negra, porque há uma condição específica da mulher, negra e pobre, e essa perspectiva estava sendo esquecida e dando lugar às reivindicações apenas de mulheres brancas.

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com esses sujeitos assumam, a partir do lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso. Essas óticas particulares vêm exigindo, paulatinamente, práticas igualmente diversas que ampliem a concepção e o protagonismo feminista na sociedade brasileira, salvaguardando as especificidades (CARNEIRO, 2003, p. 119).

As especificidades relacionadas à mulher negra, como citado por Carneiro (2003), que não estavam sendo vistas pelo movimento até então, fez com que estas mulheres resolvessem dar seu grito contra a opressão que sofriam, que não era unicamente de gênero, pois envolvia também sua cor e sua condição social. O feminismo negro procura fazer com que, na prática, as mulheres negras também conquistem seus direitos.

Belonísia passou a desejar dar o seu grito de liberdade e, durante pouco tempo de convívio, já havia percebido que não queria aquela vida para si, não iria permitir ser agredida pelo marido: “Antes que qualquer homem resolvesse me bater, lhe arrancaria as mãos ou cabeça, que não duvidassem de minha zanga” (VIEIRA JR, 2020, p. 121). As agressões não chegam a ser físicas, mas conviver com aquele homem estava cada vez mais difícil. Quando ele apareceu morto na estrada, Belonísia não chorou, e resolveu morar sozinha, apesar dos pais insistirem para que ela voltasse a morar com eles, pois sentia como se tivesse retirado um peso de sua vida. Passou a sentir-se feliz consigo mesma, com o seu trabalho, e percebeu que não precisava de homem algum para seguir sua vida: “Se havia coisa que aprendi era que não deveria aceitar a proteção de ninguém. Se eu mesma não o fizesse, ninguém mais poderia” (VIEIRA JR, 2020, p. 134).

Não aceitar a proteção de homem, seja o pai, irmão ou marido, não era atitude comum para uma mulher daquele contexto. A mulher era considerada um ser que não poderia cuidar-se sozinha, ou mesmo que não merecia confiança. Por isso, sempre havia um homem perto de

si, e elas se acostumavam tanto com isso que acreditavam que realmente precisavam de um homem por perto. Com Belonísia foi diferente. Ela decidiu que não queria mais essa “proteção”: “Não pretendia me juntar de novo a alguém, não queria casar nunca mais” (VIEIRA JR, 2020, p.140-141).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se percebe, através do estudo dessas personagens, é que o contexto patriarcal/racista predomina na vida das personagens analisadas. Há um universo de negação de direitos de homens e mulheres negras, que trabalham arduamente e não recebem salário, não têm moradia digna e mal conseguem ter alimento, ou seja, a escravidão continuou, de maneira diferente. No caso das mulheres negras, há algo que acentua o sofrimento: o universo machista em que vivem.

Essas mulheres enfrentam uma rotina dura e escravizante: desde pequenas aprendem a trabalhar em casa e na roça, logo cedo se juntam a um homem e passam a servi-lo. Tornam-se escravas desse homem no sentido de que devem viver para agradá-los; têm muitos filhos, o que faz com que envelheçam muito cedo e aparentam ter mais idade. E assim seguem a vida. É comum que esses maridos sejam violentos e agridam essa mulher, que já sofre em tantos outros aspectos.

A mulher negra e pobre é discriminada triplamente, sofrendo violência de gênero, raça e classe. A ela são negados direitos básicos, até mesmo o próprio direito de ser gente, humana, pois é tratada como animal, é escrava do homem, tanto para o trabalho como para o sexo. As personagens que foram destacadas, Donana, Bibiana e Belonísia, são algumas representações para essas violências, com destaque para a resistência de Belonísia, que decide não se sujeitar mais a homem algum, depois do fracassado casamento com Tobias. Percebemos, portanto, a tentativa de mudança de destino nessa personagem, que não quer se sujeitar a ninguém, afirmando que ela mesma será sua proteção, será dona de sua vida.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. Tradução: Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Racismo e morte de mulheres no Brasil**: dados do Atlas da Violência 2018.

Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/racismo-e-violencia-de-genero-dados-do-atlas-da-violencia-2018/> Acesso em 29 dez. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**, São Paulo: Todavia, 2020.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero**: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul, RS: EdUCS, 2006.

*Recebido: 23/08/2021*

*Aceito: 25/01/2022*